

ALBERTO S. SANTOS

AMANTES DE
BUENOS AIRES

Este livro é uma homenagem à coragem, ousadia e sofrimento de tantas mulheres que a História omitiu. Foi o caso das professoras galegas Elisa Sánchez e Marcela Gracia Ibeas. Mas também de milhares de jovens europeias astuciosamente traficadas como escravas para os bordéis da América latina. Todas elas são as grandes protagonistas deste romance.

1

Buenos Aires, 2009

Sempre que podia, Raquel Contreras recolhia-se no gabinete de trabalho a observar as novidades. Era um ritual que repetia desde o primeiro dia em que fora admitida na livraria *El Ateneo Grand Splendid* para se tornar numa simples vendedora de livros.

Comovia-se cada vez que chegava um título novo dos seus autores preferidos. Afagava a capa, passava os olhos pela sinopse e abria uma página ao acaso. Lia-a e ficava a pensar no modo como o texto se relacionava com a sua própria vida e nos ensinamentos que poderia recolher para aquele dia ou para o futuro. Era algo que a avó Cleide lhe havia ensinado desde criança.

Naquela manhã de março de 2009, quando desembrulhou as novidades, sentiu um aperto no estômago. Estremeceu, enfeitiçada pela capa da reimpressão da primeira edição de *Cem Anos de Solidão*, do autor que mais amava. A memória logo voou para aquela tarde primaveril, na casa de veraneio da avó, sobranceira ao imenso rio da Prata. Quando não lia, a avó Cleide, já muito entrada na idade, passava horas a fio a olhar para o imenso lago salgado, o rio que, afinal, era estuário, como se esperasse que ele lhe trouxesse respostas a algo que a vida não revelara. Pensou na avó e naquele momento que gravara para sempre na memória. Fechou os olhos e recordou-o, com saudade.

*

Cleide tinha um volume no regaço e chamou a neta para junto de si. Raquel reparou que as mãos o afagavam como se fosse algo precioso, uma parte da avó.

– Acabei de ler este livro. Gostaria de oferecer-to, minha querida.

A neta pressentiu que os olhos da avó lutavam para reprimir que a emoção transbordasse em lágrimas.

– De que fala esse livro, avó?

– Da solidão, como revela o título. A solidão é uma doença que, quando ataca, nos impede de ser completos e felizes. Imagina uma família inteira, geração atrás de geração, condenada a sofrer deste mal – explicou a anciã, com a voz trémula.

Raquel pegou no livro com delicadeza. Tratava-se da mítica primeira edição. Virou a capa e deteve-se na dedicatória escrita em letra elegante e firme: *Para Cleide, com afeto, para que nunca sintas as dores da solidão nem ouse viver mais de cem anos.* Naquele momento, apeteceu-lhe interrogar a avó com a pergunta que lhe queimava a garganta: se ela também sofria ou sofrera de solidão, apesar de nunca a ter visto isolada de gente. Família e amigos balanceavam habitualmente, e muitos, à sua volta. Gostaria ainda de saber porque Gabriel García Marquez lhe escrevera tão estranha dedicatória.

Mas não o fez, e arrependeu-se para sempre de não lhe ter perguntado. Desde os primórdios da infância, Raquel achava que a avó escondia um grande segredo, um mistério insondável, como o dos Buendía, a gente que povoava o livro que a anciã ternamente lhe oferecera naquele momento e cuja memória não mais se lhe apagara.

– Abre ao acaso, minha filha! Vamos lá ver o que dá...

O sobressalto de Raquel na sala da livraria *El Ateneo* não podia ser maior. Cheirou o papel e acariciou a capa dura, fascinada com o galeão azul a navegar contra um bosque espectral e os lírios amarelos. Antes de o abrir numa página à sorte, fechou os olhos e lembrou-se da curta conversa, anos antes, com o seu autor, na Feira do Livro de Buenos Aires. Não mais esquecera as palavras eternas que gravara no coração durante a palestra, quando ele afirmou que a vida não era como uma pessoa a vivera, mas como ela a recordava, ou como a recordava para a poder contar. Desde esse dia, jurou que jamais

aderiria aos livros eletrônicos, pois não concebia uma mostra onde os volumes não se pegassem com as mãos, não entendia livros que não pudessem ser acariciados, folheados e cheirados, ou que não fossem guardados na mesinha de cabeceira, ou empilhados por vários recantos da casa. Livros que se podiam perder no metropolitano e ficar com a esperança de que tocassem o coração de quem os encontrasse. Receava ainda que o fim dos livros de papel provocasse a extinção das feiras do livro, e os autógrafos dos autores que guardava como as relíquias mais preciosas.

– Não posso acreditar, é a mesma página! Será o cigano Melquíades a fazer das suas? – murmurava para si, antes de ler o mesmo parágrafo final que lhe saíra na sorte, anos antes, com a avó.

Sentou-se junto à janela. Lá fora, os condutores da Avenida Santa Fé buzonavam, ansiosos para que a fila avançasse, urgentes de chegar a algum lugar. A telefonia em cima da mesa informava que estavam impedidos por um acidente de moto, que demorava a resolver-se e que vitimara um dos apressados motociclistas, alguns quarteirões adiante, no cruzamento com a movimentada Pueyrredón. Desligou o aparelho e leu, sem pressa:

Entretanto, antes de chegar ao verso final já tinha compreendido que não sairia nunca daquele quarto, pois estava previsto que a cidade dos espelhos (ou das miragens) seria arrasada pelo vento e desterrada da memória dos homens no instante em que Aureliano Babilónia acabasse de decifrar os pergaminhos e que tudo o que estava escrito neles era irrepitível desde sempre e por todo o sempre, porque as estirpes condenadas a cem anos de solidão não tinham uma segunda oportunidade sobre a terra.

Aquele personagem tanto a amedrontara como a fascinara. Melquíades carregava uma terrível previsão sobre as gerações dos Buendía, que só seria decifrada um século depois, no momento em que um membro da família conseguisse interpretar os seus famigerados pergaminhos. E assim aconteceu, quando Aureliano Babilónia, da sexta geração, descobriu a maldição: a de que duas outras pessoas dessa mesma família não poderiam ter filhos juntas, pois nasceriam com alguma deformidade. Ora, os fundadores da família eram primos e a

consanguinidade não mais se poderia repetir. Raquel recordava, tão triste como maravilhada, a imaginação do criador do personagem Aureliano Babilónia, que teve um filho com Meme sem saber que era sua tia legítima. Tendo-se repetido a consanguinidade, cumpriu-se a previsão do cigano: o filho da sétima geração nasceu com um rabo de porco e morreu devorado por formigas, acabando para sempre com a árvore genealógica da família.

Pouco tempo depois daquela conversa, a avó morreu, a transbordar de uma saúde tardia, a escassos dias de cumprir cem anos, uma mistura de bênção e maldição. Raquel só se lembrou do presente da avó Cleide depois de a anciã partir. O título e a dedicatória atormentavam-lhe o sono e, por isso, apressou-se, voraz, a ler a história dos Buendía nos dias que se seguiram ao funeral. Ninguém mais lhe tirava da cabeça que a avó não quis viver mais de cem anos, evitando uma qualquer desconhecida danação. E que a oferta daquele livro, com as palavras dedicadas à avó escritas pelo autor, com aquela precisão, não fora absolutamente inocente.

Com uma lágrima arredia de saudade a salgar-lhe as memórias, encostou *Cem Anos de Solidão* ao peito e sentiu o coração acelerado esmurrar-lhe a capa, a ponto de o confundir com as pancadas que, percebeu subitamente, vinham da porta do gabinete.

– Raquel, podemos falar?

A rapariga suspirou, retirou lentamente o volume do peito e colocou-o delicadamente no centro da mesa. Olhou para a chefe, ainda perturbada pelas memórias. A diretora da livraria entrou sem esperar e só parou ao seu lado. Era uma mulher magra, de rosto fino e delicado, cabelo cingido formando um puxo, olhos castanhos enormes e tristes. Deteve-se momentaneamente a olhar, em silêncio, para o livro acabado de desembulhar pela adjunta. Fora ela quem encomendara cem exemplares, assim que soubera da reimpressão da primeira edição.

– Desculpa, Carmela. Estava distraída.

– Não faz mal. Já pensaste no assunto? – insistiu, com olhar vago e semblante desconsolado.

– Já... Quer dizer, ainda não. Não consegui falar com o Marcílio. Só chega amanhã de Rosário. Sabes que não devo tomar a decisão sem falar com ele.

Carmela respirou fundo. Raquel olhou-a de relance e viu-se cúmplice da sua tristeza. Com pouco mais de sessenta anos, era uma mulher respeitada nos círculos culturais bonaerenses, mas que se via obrigada a abandonar a carreira de diretora da livraria *El Ateneo* para cuidar da mãe, de quem era a única família, acamada com uma doença neurológica, numa distante aldeia da Patagónia.

O mal da mãe de Carmela e a obrigação familiar de lhe acudir confabularam a oportunidade de Raquel. Todos a viam com aquele futuro e, na verdade, ela nunca escondera que gostaria, um dia, de ser a diretora da fantástica livraria que o insuspeito *The Guardian* elegera, no ano anterior, a segunda mais bela do mundo. Para tirar as teimas, ainda haveria de visitar a livraria holandesa que o jornal escolhera como a mais recomendável. E, quem sabe, a portuguesa que ficara logo atrás. Mas nunca imaginara tornar-se diretora da *El Ateneo* tão cedo, com vinte e nove anos mal acabados de celebrar.

– Saio no final do mês, como sabes – continuou Carmela, pegando no exemplar pousado sobre a mesa e folheando-o ao acaso.
– Os proprietários deram-me carta-branca para escolher quem me vai substituir. Para além da indemnização pelos anos de trabalho, foi a única coisa que lhes pedi. A pensar em ti, claro.

Carmela sorriu, lembrando o dia em que Raquel apareceu a pedir-lhe emprego. Uma rapariga simples, magra, de cabelo escorrido, olhar misto – tão sonhador como incisivo –, estudante dos cursos de Literatura e de Gestão, ainda que trabalhasse para poder pagar as propinas do curso de Literatura. Naquela ocasião, Carmela olhou para Raquel, fez algumas perguntas, e rapidamente descobriu que estava perante uma jovem precocemente conhecedora dos autores mais importantes do mundo, especialmente da América Latina. E maravilhou-se quando percebeu que ela ilustrava sempre um livro com uma citação do mesmo, como se fosse um óbvio resumo, a frase que espoletava e concentrava toda a trama novelesca. Carmela, deslumbrada, não sabia que aquelas frases eram as que Raquel retinha dos livros abertos ao acaso durante os jogos literários da infância.

A jovem tinha essa dívida secreta para com a avó Cleide. E Carmela convenceu-se de que não poderia escolher melhor funcionária para a sua livraria. A *El Ateneo* abria em 2001, depois de o grupo para o qual trabalhara ter recuperado um glamoroso edifício situado no *Barrio Norte* da cidade, projetado pelos arquitetos Però e Torres Armengol, construído no início do século anterior e que, ao longo de décadas, funcionara alternadamente como teatro e cinema, e se encontrava condenado à demolição. A diretora estranhou a hesitação de Raquel.

– Não me vais deixar ficar mal, querida!?

– Não... claro que não. É mesmo o meu sonho... Estou-te muito grata por me concederes esta oportunidade. Só falta acertar umas coisas com o Marcílio.

A diretora conhecia o noivo de Raquel, e não se poderia dizer que nutrisse grande afeto por ele. Constava-se que fora um brilhante estudante de Programação Informática, dos melhores que qualquer universidade argentina conhecera. Mas não lhe perdoava o facto de não ter lido um livro de Jorge Luis Borges, de desdenhar, sem ter lido, Neruda, Hemingway ou Galeano, autores que, entendia Marcílio, efabulavam sobre mundos irreais e sem qualquer interesse para se sobreviver ou enriquecer.

– Amanhã dá-me a resposta, por favor! Quero deixar tudo resolvido, rapidamente.

Antes de bater a porta da sala do terceiro andar, Carmela encarou uma última vez a adjunta. Raquel entreviu uma espécie de súplica. Como desejaria responder logo que sim, dar-lhe um abraço e agradecer-lhe a oportunidade com que sempre sonhara. Respirou fundo, espreitou os ponteiros do relógio de parede e decidiu dar um passeio pela cidade, visitando a avó, ali bem perto. Era a hora de almoço e tinha tempo para si.

Saiu do edifício situado no número 1860 da Avenida Santa Fé, virou à direita e não demorou a chegar à movimentada Callao, uma das principais artérias da cidade. Escolheu o passeio da esquerda até alcançar a frondosa Vicente López e, mais adiante, virou à direita, para Junín. Na esquina do muro formado por uma miríade de peças de tijolo maciço, prendia-se um velho candeeiro urbano,

preto e dobrado sobre si próprio, sem pé no chão, como que a lembrar aos vivos que se devem vergar perante a sua efémera condição. Raquel não deixou de sorrir, recordando que a avó lhe dizia que a vida e a saúde eram sempre uma condição transitória para La Recoleta ou La Chacarita, os dois cemitérios da cidade, onde habitavam apenas memórias de glórias e misérias de alguns e o esquecimento dos que pouco lastro deixaram no mundo.

Sobre a muralha, algumas cruces anunciavam a cidade dos mortos que a habitavam como se de uma urbe medieval se tratasse. Raquel suspirou e seguiu até à entrada do cemitério, formada por um monumental conjunto de quatro colunas, unidas pela frase que dava as boas-vindas aos féretros que de lá não mais saíam: *Requiescant In Pace*.

Uma horda de turistas asiáticos capitaneados por uma guia entrava no cemitério. Por isso, decidiu passar previamente pela Basílica de Nossa Senhora do Pilar, situada na esquina da necrópole que, em tempos, integrara o convento dos Franciscanos Recoletos, de quem toda a família de Raquel sempre fora devota, tal como ela, que aspirava, um dia, ali casar. Depois das orações, saiu do templo e dobrou o umbral do cemitério que se transformara, mais do que num lugar de descanso, num frenético entra e sai de toda a espécie de gente.

Nesse momento, Raquel voltou a recordar a avó. Lembrava-se bem de, num dos dias que antecedeu o mergulho no seu sono eterno, ela a ter chamado. O rosto espelhava a serenidade de quem detinha o controlo sobre si próprio e sobre a vida. Abraçou a neta, lamentou a pilha de livros que ainda não lera e apertou-a contra si, com uma estranha boa-disposição.

– Guarda esses livros, espero ter oportunidade de os ler quando voltar numa próxima viagem da minha alma.

– Avó! O que estás a dizer?

– Ora, esquece! Acho que não cumpri todas as missões que tinha para a minha vida, talvez tenha de voltar. – E abraçou a neta, com carinho e os olhos húmidos. – Coisas de uma velha que já não tem mais em que pensar.

– Vá lá, avó! Sempre a brincar. Já sei que me queres pedir alguma coisa. Uma das guloseimas que o médico te proibiu? Algum livro

novo que descobriste na Internet? – brincou, reconfortada com o delicado odor da fragrância *Jicky*, da Guerlain, a preferida da avó.

– Sim, já me conheces. É um pedido, mas não é o que pensas.

– Então, o que é?! – questionou, com a curiosidade aguçada.

A anciã puxou um papel do meio de um livro e entregou-o à neta. Era perceptível que fora rasgado à mão, em partes de tinta antiga. Raquel pegou nele e ficou a olhar para as letras redondas, bem definidas e claramente femininas. E leu em voz alta: *A minha filha é Cleide e é tão bela que só a posso comparar às flores douradas. Nelas, como num espelho, encontro a sua imagem repetida!*

– Foi a tua mãe quem escreveu isso, avozinha?

– Sim, é do punho dela. Adorava escrever.

Raquel sorriu. A avó nunca falara de forma totalmente aberta sobre a mãe, mas sabia que fora uma espécie de heroína, que tinha sido ferozmente perseguida em Espanha e se refugiara em Portugal, antes de chegar a Buenos Aires. Raquel não sabia ao certo quais as verdadeiras razões de tais perseguições, associando-as vagamente a ideias políticas ou a algum desaguejado judicial.

– Querida, a minha mãe, a tua bisavó, foi uma mulher extraordinária que me deixou uma pesada herança que sempre guardei no coração, na vã esperança de me poder juntar a ela em paz, onde Deus a tem.

– O que queres dizer, avó? – perguntou a neta, com a voz a dar sinais de trémula inquietação.

– Não te preocupes. Coisas do passado – respondeu, apontando para o papel amarrotado. – Quero que ponhas no meu epitáfio essa frase que aí tens. Será o meu memorial à minha querida mãe.

Raquel deteve-se nas palavras redondas, assim que voltou a ouvir a voz da avó.

– Outra coisa, durante a próxima semana, quando tiveres algum tempo livre, passa cá em casa. Não posso partir sem te contar alguns segredos da nossa família.

– Para a semana, avó? – Raquel lembrou-se da viagem a Montevideo que havia combinado com o namorado.

– Sim, para a semana...

O cemitério de La Recoleta sempre lhe pareceu uma cidade dentro da cidade. Uma urbe que era o espelho das vaidades humanas. Recordava-se vagamente de alguém lhe ter chamado a *Veneza de Buenos Aires*, com os palácios de mármore branco, os portões negros e dourados e as ruelas labirínticas, e não deveria estar muito enganado. Enquanto procurava o seu destino entre famílias, turistas, funcionários e visitas de circunstância, Raquel sentia-se observada pelas estátuas de imponente teatralidade, pelas almas dos ricos habitantes que espreitavam dos voluptuosos panteões, com inveja do sangue que alimentava o coração dos caminhantes. Via-se tomada pela luz e pelas sombras, à medida que as majestosas construções, que competiam ferozmente por ostentarem maior luxo funerário do que as vizinhas, deixavam entrar algum raio de sol. Gente que brigou em vida para agora conviver em pacífica vizinhança.

Viver a eternidade em La Recoleta era algo que qualquer prócer ou novo-rico ansiava. Raquel correria com alguns que lhe ofereciam quantias impensáveis pelo jazigo simples da família, com o fito de o destruir e edificar, de seguida, um novo panteão, estampando obscuros apelidos na porta em letras douradas e colossais.

A cerca de duzentos metros da entrada, aglomerava-se um grupo de neozelandeses. Raquel percebia os rostos de decepção, imaginando que o túmulo encimado com as letras FAMÍLIA DUARTE pudesse ser mais sumptuoso. Mas era um jazigo simples de granito polido, com uma porta de bronze e uma cruz latina no centro, encimada por um braseiro, símbolo de eternidade, que guardava os restos mortais de Evita Perón, no seu tempo, a mulher mais amada e odiada na Argentina.

A tumba de Cleide morava nas imediações. No mesmo jazigo, estavam também sepultadas a sua mãe Marcela e a tia Elisa. Sobre o mármore figurava uma bela coroa metálica com uma Nossa Senhora de cabeça radiante, segurando o Deus-bebé, com uma figura feminina de cada lado, como se pretendessem ficar eternamente uma nos olhos da outra. Raquel reconheceu Nossa Senhora do Pilar, a companhia das várias gerações de mulheres da família, que

Cleide, em tempos, colocara no túmulo delas. Talvez pretendendo, no futuro, beneficiar das mesmas bnes.

A jovem colocou auscultadores nos ouvidos para não se perturbar com o ruido de fundo, principalmente a vozearia dos turistas. Ajoelhou-se em frente ao jazigo e rezou pela alma da mãe, da avó, da bisav e da tia Elisa, todas as mulheres da fmlia que também ali descansavam. Agradeceu particularmente a Cleide tudo o que lhe ensinara, algo que lhe permitiria alcançar o que mais sonhava, apesar de não contar que acontecesse tão cedo. Imaginou alguns projetos para a livraria, com recurso às novas tecnologias. Ideias não lhe faltavam. Rezou igualmente por Carmela e pela mãe da diretora. No final, sentiu-se plenamente grata e reconfortada. Pensou que a vida era uma sucessão de acontecimentos, quase sempre imprevistos, que nem sempre apanhavam os humanos preparados. O infortúnio de uns era a sorte de outros, e vice-versa.

Recordou finalmente o dia do funeral. Sophie, a quem Cleide chamava pelo curioso apelido de *Franchuta*, viajara propositadamente de Mendoza, nas faldas da cordilheira dos Andes, perto do Chile. A fmlia levava a centenária senhora numa cadeira de rodas. Raquel lembrava-se bem da forma serena como a idosa se despedira da avó, com um sorriso nos lábios e umas palavras murmuradas que só ela percebera: "Divertimo-nos muito, minha querida diva."

– Desculpe, era amiga da minha avó?

A idosa, com a mão e os lábios trementes, em consequência de Parkinson, olhou para Raquel e reconheceu imediatamente nela os traços da amiga.

– s a Raquel, não enganas ninguém! Ela já me falou muito de ti. Bela, inteligente e sedutora, como a querida Cleide. Ai, minha filha, se soubesses os segredos que hoje se enterram... – Duas lágrimas arredias formaram-se nos cílios inferiores dos olhos de Sophie, até rebentarem e deslizarem lentamente sobre a face, morrendo nos lábios, que não perdiam o sorriso. – Fomos muito felizes, sabes? E infelizes também... Mas a infelicidade era sempre a antecâmara da felicidade... Belos tempos...

*

Embargada com a memória – e de olhos marejados –, Raquel leu novamente o epitáfio que mandara gravar numa placa de bronze, no curto espaço que servia de meação com a campa vizinha: *A minha filha é Cleide e é tão bela que só a posso comparar às flores douradas. Nelas, como num espelho, encontro a sua imagem repetida!* Sorriu, sentindo-se, por razões que não conseguia entender, ligada à alma das mulheres que ali aguardavam por ela. Um raio de sol espreitou, entretanto, por entre os ângulos de uma cruz que encimava a cúpula do jazigo situado mais atrás. Por momentos, no jogo de luz e sombras, pareceu-lhe entrever duas luzinhas e, no meio delas, o rosto da avó a piscar-lhe o olho. Esfregou os olhos para ver melhor, mas já nada viu. *Brincalhona, como sempre*, pensou.

De repente, sentiu o telemóvel vibrar. Retirou-o do bolso e engoliu em seco ao ler a mensagem:

Querida, já estou em Buenos Aires. Vou a tua casa hoje à noite. Temos coisas a tratar com urgência. Beijos. Marcílio.